

Luta por terra, reforma agrária e permanência no território: elementos da questão agrária no Oeste Goiano, Goiás

Fight for land, land reform and permanence in the territory: elements of the agrarian question in West Goiano, Goiás

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves

Universidade Estadual de Goiás
ricardo.goncalves@ueg.br

Diego Tarley Ferreira Nascimento

Universidade Estadual de Goiás
diego.tarley@gmail.com

José Helder Ferreira

Universidade Estadual de Goiás
helderferreirajh15@gmail.com

Anna Lígia Alves Coelho

Universidade Estadual de Goiás
annaligiacoelho@gmail.com

Hiálida Fernandes Inácio

Universidade Estadual de Goiás
fernandeshialida@gmail.com

Resumo

A centralidade da pesquisa é compreender as estratégias de luta e permanência na terra na Região Oeste Goiano, Goiás. Para isto, procedeu-se como recortes espaciais o Acampamento chamado "Terra para todos", localizado em Amarinópolis (GO) onde estão acampadas 34 famílias, e também um Assentamento, Padre Nilo, situado entre os municípios de Iporá/GO e Amarinópolis/GO. A metodologia da pesquisa baseia-se em técnicas de levantamentos de dados e informações qualitativas e quantitativas, como pesquisa de campo, entrevistas, observação direta, diário de campo, registros fotográficos, levantamento e tabulação. Sendo assim, a leitura geográfica da luta pela terra, pela

reforma agrária e permanência no território fortalece a compreensão da questão em Goiás e especialmente na região do Oeste Goiano.

Palavras-chave: Luta de pela terra e território. Reforma Agrária. Assentamento. Permanência na terra.

Abstract

The centrality of the research is to understand the strategies of struggle and permanence on the land in the West Goiano Region, Goiás. For this purpose, the Camp called "Terra para todos" was located in Amarinópolis (GO), where 34 families, and also one Settlement, Padre Nilo, located between the municipalities of Iporá (GO) and Amarinópolis (GO). The research methodology is based on data collection techniques and qualitative and quantitative information, such as field research, interviews, direct observation, field diary, photographic records, survey and tabulation. Thus, the geographical reading of the struggle for land, land reform and permanence in the territory strengthens the understanding in Goiás and especially in the region of West Goiano.

Keywords: Fight for land and territory. Land reform. Settlement. Permanence on earth.

Introdução

[...]

Malditas sejam
todas as cercas!
Malditas todas as
propriedades privadas
que nos privam de viver e de amar!
Malditas sejam todas as leis,
Amanhadas por umas poucas mãos
Para ampararem cercas e bois e
fazer a Terra, escrava
e escravos os humanos!

Outra é a Terra nossa,
Homens, todos!

A humana Terra livre irmãos!
(*Terra nossa, Liberdade* - Dom Pedro Casaldáliga)

Os versos acima – escritos por Dom Pedro Casaldáliga, bispo emérito em São Félix do Araguaia (GO) e defensor histórico dos pobres e expropriados, camponeses e indígenas cujas vidas são cartografadas pelas trajetórias de violência no Brasil – expressam a denúncia contra as marcas de injustiça impressas pela propriedade privada e a apropriação desigual da terra, que se torna escrava do capital. Por outro lado, reverbera a defesa da terra livre e abundante para todos, fonte fértil de vida substantiva e solidária.

A leitura geográfica da questão agrária revela elementos como os conflitos por terra e água, estrutura fundiária desigual, lutas por permanência nos *territórios de existência*, produção e comercialização de alimentos, políticas públicas de desenvolvimento rural para camponeses e povos tradicionais. Assim, expõe a complexidade do campo brasileiro. Com efeito, a luta pela terra/território e a reforma agrária em Goiás, e particularmente na Região de Planejamento do Oeste Goiano, está no centro das problematizações que norteiam esta pesquisa¹, tais como: como é a vida e o cotidiano em áreas de acampamentos de trabalhadores sem-terra? Quais os desafios para permanecer na terra/território após a consolidação da política de assentamentos? Consequentemente, estas perguntas orientaram as pesquisas realizadas em duas realidades que envolvem a questão agrária no Oeste Goiano, um Acampamento de trabalhadores sem-terra e um Assentamento. Ou seja, realidades de lutas e resistências por terra, reforma agrária e permanência nos territórios da vida.

A transformação do latifúndio - das terras improdutivas e que, portanto, não cumprem a função social da propriedade - em Assentamentos Rurais com a consequente redistribuição fundiária são conquistas que partem da organização dos trabalhadores através da luta pela terra e pela reforma agrária no contexto da histórica questão agrária brasileira, sendo a estrutura fundiária desigual um de seus principais elementos. Sendo assim, concorda-se com Fernandes (2001), ao afirmar que a existência de milhares de assentamentos em diferentes regiões do Brasil não é somente o resultado das políticas do

¹ Resultante do Projeto ‘Luta pela terra, território e reforma agrária na Região Oeste Goiano, Goiás’, coordenado pelo Prof. Ricardo Gonçalves e desenvolvido na Universidade Estadual de Goiás – Campus Iporá.

Estado, mas, muito mais das lutas construídas pelos trabalhadores, no enfrentamento das contradições que marcam a formação do espaço agrário brasileiro. Desse modo, a conquista da terra por meio da política de assentamentos significa a construção de um novo território. É outra lógica de uso e ordenamento do espaço geográfico.

Fabrini (2001) também considera que os assentamentos e a efetivação do acesso à terra por famílias de trabalhadores são alcançados pela organização e mobilização social, que passaram a pressionar o Estado para atender suas reivindicações. À vista disso, destaca-se que “o avanço da luta pela terra tem mantido a reforma agrária na pauta política do estado. Todavia, até o momento o Estado não tem sido competente para efetivar uma política de reforma agrária que desconcentre a estrutura fundiária” (FERNANDES, 2001, p. 27).

No entanto, a presença de assentamentos em todo o território brasileiro revela a cartografia ou legendas espaciais das lutas no campo, atualiza o debate sobre a estrutura fundiária desigual e evidencia a necessidade da reforma agrária enquanto política pública eficaz para contribuir com a construção de uma sociedade com igualdade e justiça social. Isso significa a democratização da estrutura fundiária e a consequente desconcentração da propriedade da terra.

A centralidade da pesquisa é compreender as estratégias de luta e permanência na terra na Região Oeste Goiano, Goiás. Para isto, procedeu-se da análise de duas realidades distintas, sendo um Acampamento chamado "Terra para todos", localizado em Amarinópolis (GO) onde estão acampadas 34 famílias, e também um Assentamento, Padre Nilo, situado entre os municípios de Iporá (GO) e Amarinópolis (GO).

A metodologia da pesquisa baseou-se em técnicas de levantamentos de dados e informações qualitativas e quantitativas, como pesquisa de campo, entrevistas, observação direta, diário de campo, registros fotográficos, levantamento e tabulação de dados, elaboração de tabelas e mapas. Estes recursos metodológicos contribuíram para aprofundar a discussão temática acerca da questão agrária em Goiás e especialmente na Região do Oeste Goiano.

Com o objetivo de entender a luta e as estratégias construídas por camponeses em defesa da reforma agrária e também pela permanência das famílias assentadas na terra, procedeu-se de visitas de campo em áreas de acampamentos e assentamentos rurais localizados em municípios da Região Oeste Goiano. Procurou-se compreender como as famílias conseguem reproduzir socialmente a existência desde o processo de acampamento até se tornarem assentadas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA. Por consequência, a pesquisa de campo realizada no Acampamento e no Assentamento contribuiu para entender, a partir de experiências no Oeste Goiano, trajetórias espaciais de trabalhadores sem-terra e realidades da luta e permanência nos territórios.

Resistências frente ao movimento das forças desiguais no campo: Acampamento Terra para todos, em Amorinópolis/GO

O capitalismo expande sua lógica de exploração privada da terra, da água e do trabalho aprofundando as contradições e intensificando a pilhagem das bases materiais e imateriais da existência de indígenas, camponeses e quilombolas. Sua natureza contraditória move o desenvolvimento desigual para novas fronteiras de acumulação, concentrando riquezas, terras nas mãos de poucos e aumentando o número de pobres e desterritorializados, aprofundando o conflito de classes. Como mostra Oliveira (1991, p. 18) “o desenvolvimento capitalista se faz movido pelas suas contradições. Ele é, portanto, em si, contraditório e desigual”. Isso coloca em evidência a agudização das desigualdades, que se expressam geograficamente na ocupação do espaço e produção dos territórios.

A apropriação social do espaço cria *territórios em disputa*, sendo que “os interesses conflitantes sobre o uso e a ocupação de um mesmo território geram as disputas territoriais” (CLEPS JÚNIOR, 2010, p. 36). Desta forma, a leitura do território permite enxergar as contradições, as disputas e os conflitos que se materializam na apropriação material e imaterial do espaço e produção dos territórios. Como construção social, esse processo tende a fortalecer o exercício do poder de determinado grupo ou classe social que objetiva manter

a hegemonia no processo produtivo em detrimento de camponeses e trabalhadores desterritorializados e precarizados no campo e na cidade.

Martins (1980) considera que a expansão do capitalismo no campo depende da separação fundamental dos trabalhadores aos meios de produção. Ao serem destituídos dos meios de produção, o que resta aos homens e mulheres expropriados é vender a força de trabalho como o único bem do qual são donos. Consequentemente, manifesta-se o acirramento da precarização e fragmentação do trabalho. Camponeses que viviam na terra acabam desterrados, abrindo espaço para grileiros e a agricultura moderna, altamente mecanizada e regida pelo modo de produção capitalista.

Desse modo, a territorialização do capital nas áreas do Cerrado brasileiro acentuou os problemas ambientais e sociais, resultantes da expropriação dos camponeses e transformações das relações de produção e trabalho no campo. Em Goiás, verifica-se a acentuada expansão do agronegócio nas áreas de Cerrado e, concomitante a essa dinâmica espacial nas últimas décadas, as ocupações de terra e a implantação de assentamentos de reforma agrária.

As implicações desse processo revelam os *territórios em disputa* entre trabalhadores sem-terra, camponeses, latifundiários e empresários rurais, expressão concreta das desigualdades, da concentração fundiária e de renda. Em suma, presencia-se o acirramento da devastação das áreas de Cerrado, transformando os modos de vida e a cultura das populações ainda vivem e resistem neste *Bioma-Território*.

Sendo assim, o olhar geográfico integrado para os trabalhadores, camponeses e camponesas que resistem e lutam por terra e território contribui para problematizar a estrutura fundiária desigual e fortalecer a defesa e luta por reforma agrária. Centenas de famílias em marcha e organizadas por movimentos de lutas expressam as estratégias organizativas tramadas em ocupações de terras e nos acampamentos construídos pelos trabalhadores no campo. Na Região do Oeste Goiano, em Goiás, a constatação desta realidade permitiu o contato direto e participativo com os camponeses e trabalhadores sem-terra acampados.

Assim, em agosto de 2017 realizou-se um trabalho de campo e entrevistas semi-estruturadas com trabalhadores sem-terra em áreas de ocupação e construção do acampamento "Terra para todos", onde vivem 34 famílias. As entrevistas com algumas das famílias sem terra revelaram que há orientações coletivas para todos os acampados. Possuem responsabilidades a serem cumpridas, fortalecem a formação de base e o processo contínuo de resistência e solidariedade.

No espaço do Acampamento foram construídos barracos de madeira e lona (Foto 1). Nos finais de semana são realizadas reuniões com lideranças do próprio acampamento, sindicatos, e outras entidades como a Comissão Pastoral da Terra - CPT.

Foto 1 - Imagem do acampamento “terra para todos” barracos feitos de madeira e lona onde abrigam as famílias que esperam uma parcela de terra no município de Amorinópolis/GO.



Autor: Ferreira, 2017.

A luta pela terra e pela reforma agrária envolvem lideranças de movimentos sociais e sindicais, coletivos de trabalhadores sem-terra, além de outros expropriados do campo que almejam o retorno para a *terra de trabalho*, ou que são submetidos à situações precárias de emprego ou infligidos pela condição de desempregados na cidade.

À vista disto, a organização coletiva e a construção de espaços para discussões, aprendizados, oficinas e palestras com lideranças internas e externas são essenciais para o fortalecimento das lutas que compõem as trajetórias e os sonhos destes sujeitos. Nisto está imbricado também a dimensão pedagógica em experimentar a condição de acampado. Com efeito, destaca-se a importância dos espaços coletivos no próprio Acampamento (Foto 2), onde as pessoas se reúnem e discutem suas demandas e decisões, expressando a força da solidariedade e das estratégias de resistências dos trabalhadores e famílias em luta.

Foto 2 - Local onde são realizadas as reuniões, com todos os moradores do acampamento e com sindicatos, CPT comissão pastoral da terra onde são ministrados cursos e palestras.



Autor: Ferreira, 2017.

Um dos entrevistados no Acampamento ‘Terra para todos’, ao referir-se ao espaço das reuniões do grupo de acampados, afirmou:

“Neste espaço reunimos a coletividade dos trabalhadores para discutir nossas estratégias de luta, para socializar e trocar experiências. Muitos de nós estamos a muitos anos na luta pela terra, sonhamos com um pedaço de chão para cultivar nosso próprio alimento, criar nossos animais, gerar renda e viver com dignidade. Também fazemos aqui cursos e formação de base, queremos nosso povo unido e consciente das

injustiças que afetam os pobres, os sem-terra. Queremos formar o povo para a luta e a resistência” (Informação verbal, Acampamento Terra para todos, Amorinópolis/GO, Ago./2017).

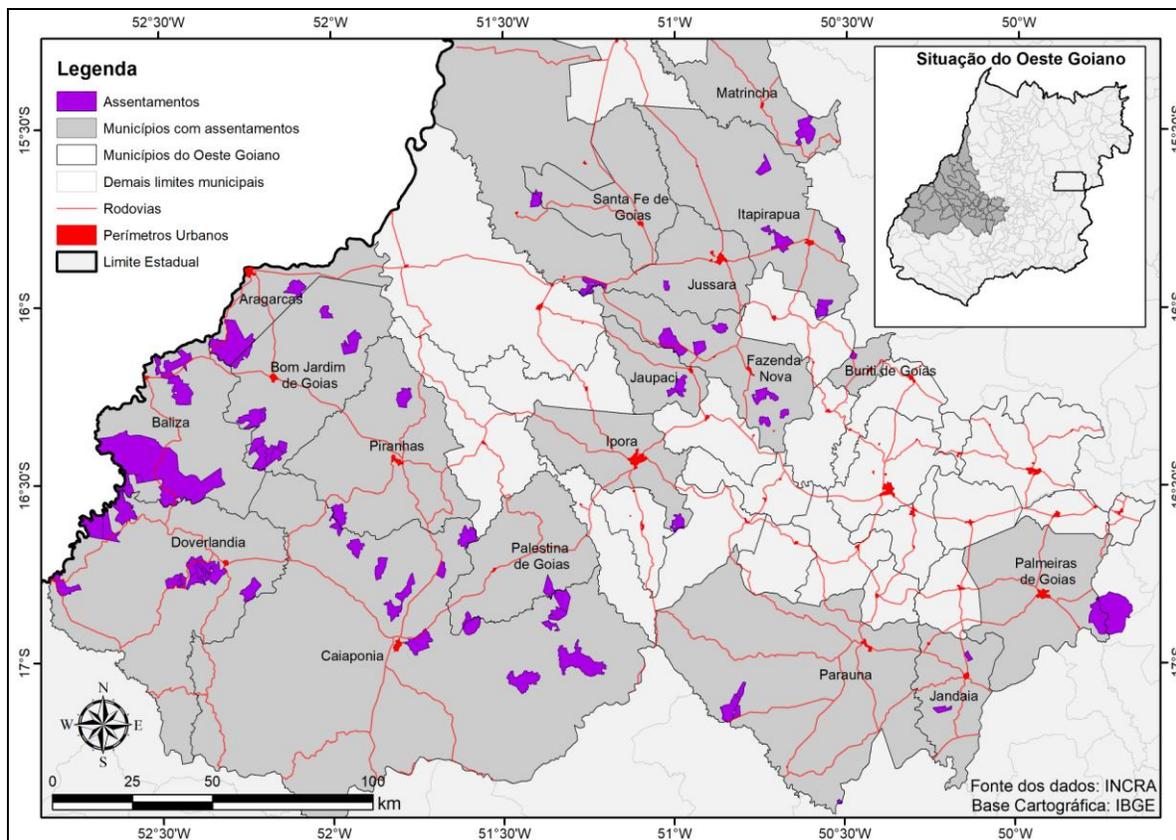
As cartografias existenciais dos sujeitos com suas histórias de lutas e sonhos, a vida no acampamento, as reuniões coletivas, a educação das crianças, o cultivo de pequenas roças e hortas são observações que aproximam a interpretação geográfica desta realidade. No horizonte das resistências dos trabalhadores sem-terra acampados está a conquista do território com a efetivação da política de distribuição de terra por meio dos assentamentos.

Ademais, objetivando apreender a realidade destas duas experiências, no segundo momento da pesquisa realizou um campo em áreas do Acampamento Padre Nilo, com áreas distribuídas em dois municípios do Oeste Goiano: Iporá e Amorinópolis.

Grafias de *territórios em disputa* no Oeste Goiano: a luta pela permanência na terra de trabalho no Assentamento Padre Nilo, Iporá/GO - Amorinópolis/GO.

O predomínio de atividades pecuárias, a presença de agricultores familiares, a distribuição espacial de 73 assentamentos de reforma agrária, com aproximadamente 3.888 famílias assentadas em municípios do Oeste Goiano (Mapa 1), a atuação de militantes em defesa da água, da terra e de alimentos saudáveis em luta no Território do Médio Araguaia revelam elementos que são centrais na compreensão da questão agrária nesta Região de Planejamento do Estado de Goiás. Com ênfase nos assentamentos como política pública que contribui para diminuir as desigualdades da estrutura fundiária brasileira, a produção destes territórios no Oeste Goiano revela esforços coletivos de organização para se manter na terra com dignidade, produzindo alimentos saudáveis para o próprio consumo e geração de renda. Os assentamentos são, assim, território da existência para os *trabalhadores da terra*.

Mapa 1 – Distribuição geográfica dos Assentamentos de Reforma Agrária no Oeste Goiano -2017.



Elaboração: Nascimento, 2017.

Enquanto os assentamentos expressam grafias de lutas, esforço coletivo para se produzir de maneira agroecológica, acessar políticas de desenvolvimento e gerar renda, a análise geográfica da apropriação desigual da terra no Oeste Goiano revela, por outro lado, a expansão de atividades que contrapõem a compreensão do território como lugar de existência e produção de alimentos saudáveis. Portanto, as características espaciais marcadas pela agricultura familiar camponesa, acampamentos e assentamentos de reforma agrária etc., somam-se também aos efeitos da expansão do agronegócio da soja em municípios como Palestina de Goiás, Montes Claros de Goiás, Paraúna e Diorama nos últimos anos (Quadro 1), com implicações socioambientais na ocupação e usos da terra e da água. Neste sentido, são expressões das gráficas de *territórios em disputa*.

Quadro 1 - Expansão da monocultura de soja em municípios do Oeste Goiano, Goiás

Municípios	Período			
	2005		2015	
	Área Plantada (hect.)	Qt. Produzida (t)	Área Plantada (hect.)	Qt. Produzida (t)
Diorama	600	1.500	2.000	4.800
Palestina de Goiás	5.500	14.000	12.000	31.680
Montes Claros de Goiás	15.000	30.000	31.812	72.531
Parauna	72.000	133.920	103.500	229.770

Fonte: Instituto Mauro Borges, 2016.

A expansão da monocultura de soja revela, ao mesmo tempo, o controle dos territórios pelo capital privado e subordinado às imposições do mercado internacional de *commodities*. Significa a transformação da terra e da água em mercadorias. Os “efeitos socioespaciais” (GONÇALVES, 2016) desse processo imprimem estratégias de “acumulação por espoliação” (HARVEY, 2013) e “pilhagem do trabalho” (PERPETUA, 2016). Sendo assim, a compreensão crítica e a relevância em desvelar as contradições deste modelo de produção de *commodities* controlado pelo *agrohidronegócio* expressa também a proposição de alternativas que respeitam o trabalho, os usos sustentáveis da terra e da água.

Logo, atentos a estas questões, buscou-se em um dos assentamentos do Oeste Goiano – Padre Nilo (Foto 3) - analisar a importância das ações que fortalecem a permanência dos trabalhadores no campo e da agricultura familiar camponesa como fundamental na produção de alimentos saudáveis para a população do campo e das cidades.

Foto 3 - Placa na chegada do Assentamento Padre Nilo com informações deste Assentamento de Reforma Agrária no Oeste Goiano.



Autor: Ferreira, 2017.

Criado em 2006, o Assentamento Padre Nilo está dividido em 34 lotes onde vivem 36 famílias. Um dos entrevistados no Assentamento conta parte de sua história e a importância da conquista da terra:

“Eu estou aqui desde o início. A conquista da terra mudou minha vida. Antes eu vivia no trecho, vivia em terra de patrão, passava dificuldade quando ficava sem emprego e quando arrumava me sentia explorado. Eu tinha consciência da minha condição de explorado por isso queria mudar minha vida. Quando eu entrei para o movimento social, compreendi melhor nossa realidade, eles ofereciam muita formação para o povo. Eu acredito que isto contribui para minha conquista. Hoje estou aqui, tenho minha casa, minha família vive bem, produzimos nossos alimentos, não preciso submeter aos desmandos e violência de patrão, porque só o fato de sermos empregados, ter que fazer as coisas sem autonomia e gerar lucro para o outro, isso é violência, você não acha?”. (Informação verbal, Assentamento Padre Nilo, Amorinópolis/GO, Ago./2017).

Para este e outros trabalhadores a conquista da terra efetivou sonhos, transformou a vida e o trabalho de sujeitos que vivem na e da terra. A terra para estes sujeitos é fonte da vida, símbolo de fertilidade e da abundância.

No entanto, as famílias assentadas também relataram dificuldades para permanecer na terra. Em um dos relatos a família entrevistada pontuou o acesso a políticas de desenvolvimento rural:

“Nós acreditamos que o governo precisa dar mais atenção para o povo que vive no campo, para as famílias assentadas de reforma agrária. Não basta jogar o trabalhador na terra, é preciso políticas para mantê-los com qualidade na terra, com casa boa, água encanada, luz elétrica, mercados para os alimentos que produzimos. Precisamos lutar por melhores políticas de desenvolvimento rural para a agricultura familiar” (Informação verbal, Acampamento Terra para todos, Amorinópolis/GO, Ago./2017).

Pontuaram ainda a necessidade de que sejam fortalecidas ações de apoio técnico, esclarecimentos de uso e manejo do solo, doação de mudas de árvores frutíferas e comercialização da produção.

A produção de alimentos nos lotes do Assentamento é diversificada, com cultivos de milho, mandioca, melancia, maracujá, coco da Bahia, jaca, pimenta, jiló, quiabo e vários outros tipos de hortaliças, além da criação de animais para a alimentação, como porco, galinhas, patos, angolas e gado. Destaca-se também a importância desta produção para complementação de renda mediante a comercialização de produtos em feiras, mercados e contatos com consumidores particulares. Os próprios quintais das famílias assentadas revelam a abundância e diversidades de alimentos produzidos pela agricultura familiar camponesa – Fotos 4 e 5.

Foto 4 - Imagem de um dos quintais das famílias no assentamento Padre Nilo.



Autor: Ferreira, 2017.

Foto 5 - Aves que são criadas pelas famílias do assentamento Padre Nilo, como Peru, Galinhas e Patos e também Bovinos e Suínos.



Autor: Ferreira, 2017.

Como relatado, mesmo com esta produção diversificada nas áreas de cada lote do Assentamento, muitas famílias não acessam nenhum programa do governo. Devido às dificuldades de escoamento da produção de alimentos como hortaliças e frutas, a maior parte das famílias assentadas optou por criação de gado leiteiro, que possui maior facilidade para escoamento, capaz de criar renda sustentável para a família. Mas, como não são todos os assentados que possuem animais, e alguns tem que trabalhar fora como diaristas para conseguir manter o sustento com uma renda extra.

Mesmo diante das dificuldades enfrentadas cotidianamente na terra, para os entrevistados mudou muitas coisas em suas vidas após a conquista do lote no Assentamento. A possibilidade de cuidar do seu próprio espaço, ter a liberdade de produzir o necessário, alguns fugindo das turbulências e marginalidade das cidades e podendo viver com mais qualidade de vida no próprio território de existência coletiva.

Considerações finais

No Oeste Goiano, enquanto em alguns municípios o *agrohidronegócio* se organiza e se expande através da monocultura da soja, uso de agrotóxicos e produção voltada para a exportação, outros territórios camponeses também se organizam por meio das ocupações de terras, conquistas de assentamentos de reforma agrária, produção em pequena escala, práticas agroecológicas e produção diversificada de alimentos, como feijão, milho, cana, banana, abóbora e melancia. Nos territórios camponeses, essa produção está voltada para o auto-consumo da família e comercialização do excedente, garantindo uma vida digna na terra. Por outro lado, o *agrohidronegócio* impõe a lógica de transformação do trabalho, da água e terra em mercadorias que abastecem o mercado internacional de *commodities*.

As duas experiências de luta pela terra, reforma agrária e permanência nos territórios da vida e do trabalho – o Acampamento ‘Terra para todos’ e o Assentamento Padre Nilo – contribuem para fortalecer as leituras geográficas da questão agrária no Oeste Goiano. Também permitem desvelar as contradições e conflitos que marcam o espaço agrário nesta Região de Planejamento em Goiás.

A pesquisa demonstrou também que a luta dos camponeses e trabalhadores sem-terra não acaba com a conquista do assentamento e da terra de trabalho através do lote de cada família. Constatou-se, assim, que a permanência na terra diante das dificuldades de acesso a políticas públicas, escoamento da produção, qualidade da água e sua escassez nos períodos de seca, moradia e transporte para as crianças e adolescentes até a escola são elementos que prolongam as lutas dos sujeitos, mantém o movimento contínuo por dignidade nos territórios da existência e do trabalho.

Referências

CAUME, D. J. **O MST e os assentamentos de reforma agrária**: a construção de espaços sociais modelares. Passo Fundo: Ed. da Universidade de Passo Fundo. Goiânia: Editora da UFG, 2006.

CLEPS JÚNIOR, J. Questão agrária, Estado e territórios em disputa: os enfoques sobre o agronegócio e a natureza dos conflitos no campo brasileiro. In: SAQUET, M, A.; SANTOS, R. A dos. (Org.). **Geografia agrária, território e desenvolvimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. P.35-54

FABRINI, J. E. **Assentamentos de trabalhadores sem-terra**: experiências e lutas no Paraná. Marechal Candido Rondon: LGeo, 2001.

FERNANDES, B. M. **Questão agrária, pesquisa e MST**. São Paulo: Cortez, 2001.

GONÇALVES, R. J. de A. F. **No horizonte, a exaustão**: disputas pelo subsolo e efeitos socioespaciais dos grandes projetos de mineração em Goiás. 504f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Goiás, 2016.

HARVEY, D. **O novo imperialismo**. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. 7.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

IMB – Instituto Mauro Borges. Goiânia/GO, 2017.

MARTINS, J. de S. **O cativo da terra**. 2.ed. São Paulo: LEHC, 1981.

_____. **Expropriação e violência**: a questão política no campo. São Paulo: Hucitec, 1980.

_____. **Os camponeses e a política no Brasil:** as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. Petrópolis: Vozes, 1981.

OLIVEIRA, A. U de. **A agricultura camponesa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1991.

_____. **A geografia das lutas no campo.** 6.ed. São Paulo: Contexto, 1996.

PERPETUA, G. M. **Pilhagem territorial, precarização do trabalho e degradação do sujeito que trabalha:** a territorialização do capital arbóreo-celulósico no Brasil contemporâneo. 2016. 370f. Tese (Doutorado em Geografia), UNESP, Presidente Prudente.

Sobre o autor

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves

É doutor em Geografia pelo Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás - IESA/UFG (2016). Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás - UFG / Regional Catalão (2012). Graduação em Geografia pelo Centro Universitário do Cerrado - UNICERP (2007). Atualmente é professor do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás - UEG / Campus Iporá, e do Mestrado Acadêmico em Língua, Literatura e Interculturalidade ? POSLLI, da UEG - Campus Cora Coralina. Editor Chefe da Revista *Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais*. É pesquisador colaborador externo do Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais (LABOTER/IESA/UFG). Pesquisador colaborador dos Grupos Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS / UFJF) e Trabalho Território e Políticas Públicas (TRAPPU / IESA-UFG). Foi da diretoria da Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB - Seção Goiânia (2014 - 2015). Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Agrária e Geografia do Trabalho. Dedicar-se ao estudo e pesquisa dos seguintes temas: geografia e literatura, agricultura familiar camponesa, pesquisa qualitativa em geografia, território, conflitos socioambientais, mineração e Grandes Projetos de Desenvolvimento.

Sobre o autor

Diego Tarley Ferreira Nascimento

Possui Graduação (2009), Mestrado (2011) e Doutorado (2016) em Geografia pela Universidade Federal de Goiás - UFG. Professor da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) e Universidade Estadual de Goiás (UEG - Iporá), atuando na graduação e pós-graduação. Tem experiência na área de Geociências, com ênfase em Climatologia, Cartografia, Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto.

Sobre o autor

José Helder Ferreira

Aluno do Curso de Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Goiás – Campus Iporá.
Bolsista e Secretário da Revista Sapiência: Sociedade Saberes e Práticas Educacionais.

Sobre a autora

Anna Lígia Alves Coelho

Aluna do Curso de Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Goiás – Campus Iporá.
Bolsista de Iniciação Científica.

Sobre a autora

Hiálida Fernandes Inácio

Aluna do Curso de Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Goiás – Campus Iporá.
Bolsista de Iniciação Científica.

Artigo Recebido em Julho de 2017.
Artigo aceito para publicação em Julho de 2017.